

A edição de glossários em obras literárias nas variantes brasileira e europeia da língua portuguesa

Tagiane Mai*

Resumo

Analisam-se os glossários de obras originalmente escritas na variante brasileira e na variante lusitana do português e respectivamente comercializadas em Portugal e no Brasil acompanhadas de um glossário. Os livros selecionados para análise foram **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório (português brasileiro), e **Pão de Açúcar**, de Afonso Reis Cabral (português europeu). Investigam-se os critérios adotados pelas editoras para inserir esse instrumento linguístico no livro, quem é o profissional responsável por elaborá-lo, se há necessidade de diálogo com o autor durante a sua elaboração, quais os conhecimentos mobilizados e quais os materiais de apoio e/ou consulta a que o profissional recorre ao elaborá-lo. Para a coleta de dados sobre a concepção, edição e veiculação dos glossários, realizaram-se entrevistas com as editoras responsáveis pelas publicações e com a profissional que elaborou o glossário da obra editada em Portugal. Constata-se que a presença de glossários objetiva contextualizar a leitura nos casos em que há forte presença de oralidade e de variantes regionais, além de explicar termos específicos que, fora da comunidade linguística que os emprega, dificilmente seriam compreendidos pelo leitor comum.

Palavras-chave: Português brasileiro; português europeu; glossário; edição.

Glossary editing in literary works in Brazilian and European variants of Portuguese

Abstract

Accompaniment glossaries of works originally written the Brazilian and European variants of Portuguese and commercialized in Portugal and Brazil, respectively, are analyzed. The books selected for analysis were *O avesso da pele*, by Jeferson Tenório (Brazilian Portuguese) and *Pão de Açúcar*, by Afonso Reis Cabral (European Portuguese). The criteria adopted by publishing houses to insert such a linguistic instrument in the books are investigated: who the professional responsible for elaborating it is, whether there is a need for dialoguing with the author during its elaboration, which kinds of knowledge are mobilized within its production and which supporting/checking materials the professional uses when elaborating it. For collecting data on the conception, editing and propagation of glossaries, interviews with the publishing houses responsible for publications and with the professional who elaborated the glossary of the work edited in Portugal were conducted. The findings pointed that glossaries aim at contextualizing reading in cases in which orality and regional variants strongly appear, besides explaining specific terms that are hardly understood by common readers outside the linguistic community that uses them.

Keywords: Brazilian Portuguese; European Portuguese; Glossary; Editing.

Recebido em: 13/01/2022 // Aceito em: 14/08/2022.

1 Introdução

A língua é elemento vivo e pulsante, capaz de desdobrar-se em inúmeras variantes, de acordo com as diversas realidades da população que a fala (NEVES, 2021; BAGNO, 2001). No caso de Portugal e do Brasil, a distância geográfica, aliada a fatores históricos e etnográficos, fez surgir as variantes do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB). Essa separação em duas vertentes passa não só pela influência das línguas indígenas e africanas no Brasil, mas também pelo próprio processo de evolução linguística — “passados 500 anos, tanto a língua de cá quanto a língua de lá se modificaram, cada uma delas numa direção, exibindo diferenças nessas mudanças, fazendo opções diferentes [...]” (BAGNO, 2001, p. 172).

Por vezes, as diferenças entre tais variedades do português originam dificuldades de compreensão entre os falantes, seja em termos de vocabulário, seja nas construções sintáticas, no uso de certas expressões ou mesmo no ritmo ou entonação das falas. Contudo, como bem frisa Bagno (2015, p. 51), trata-se de diferenças de uso simplesmente, “e diferença não é deficiência nem inferioridade [...]”. Tais diferenças já levaram inclusive à elaboração de um dicionário dedicado aos falantes de cada uma das variantes, intitulado **Dicionário de Português Europeu para Brasileiros e Vice-Versa**, de Vítor Barros (2017).

As obras literárias também são exemplos muito ricos da variedade linguística do português, a ponto de algumas delas serem acompanhadas de um glossário com a descrição de termos que possam dificultar a compreensão do leitor não familiarizado com as variantes locais. Os livros do escritor angolano Ondjaki, por exemplo, fazem-se acompanhar de um glossário com variantes específicas de Angola, oriundas tanto do português do país quanto de línguas autóctones que ali coabitam com o português, como o kimbundu.

Nossa proposta neste estudo surge justamente da observação de alguns glossários em publicações literárias editadas no Brasil e em Portugal. Pretendemos lançar um olhar reflexivo sobre esse instrumento linguístico, investigando, especificamente, quais os critérios adotados pelas editoras para inseri-lo no livro, quem é o profissional responsável por elaborá-lo, se há necessidade de diálogo com o autor, quais os conhecimentos mobilizados, quais os materiais de apoio e consulta a que se recorre ao prepará-lo, entre outras questões relacionadas.

A discussão aqui apresentada visa examinar mais essa faceta da relação entre leitor, texto, editor e autor, materializada no glossário. Embora já existam estudos dedicados a analisar glossários em publicações literárias, eles se inserem principalmente no campo da História das Ideias Linguísticas (AUROX, 2008; MEDEIROS, 2013, 2016; NUNES, 2006), focalizando aspectos da análise do discurso. De nossa parte, pretendemos dar a ver fatores editoriais levados em conta desde a concepção, elaboração e veiculação desse instrumento.

Para isso, selecionamos obras originalmente escritas na variante brasileira e na variante lusitana do português e respectivamente comercializadas em Portugal e no Brasil acompanhadas de um glossário. A escolha não levou em conta critérios de qualidade literária, mas procurou abarcar publicações que tivessem sido lançadas recentemente. Dessa forma, o livro representativo do PB foi **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório (2021) e, como exemplar do PE, **Pão de Açúcar**, de Afonso Reis Cabral (2021).

No desenvolvimento deste estudo, analisamos os glossários das duas publicações selecionadas, destacando aspectos em comum e particularidades de cada um desses instrumentos linguísticos. Para a coleta de dados junto às casas editoriais, realizamos entrevistas com as editoras responsáveis pelas publicações e com a especialista que elaborou o glossário da obra editada em Portugal. O questionário foi enviado por *e-mail* às profissionais e se constituiu de perguntas abertas (GIL, 1994), com vistas à livre expressão, pelas respondentes, sobre o método adotado e as motivações que redundaram nas escolhas realizadas. Para manter o anonimato das entrevistadas, seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

2 Variedades da língua portuguesa

Considerada como realidade essencialmente social (FARACO, 1991), a língua portuguesa apresenta uma multiplicidade de variantes em seu interior, configurando-se como um sistema heterogêneo. Fatores de ordem geográfica, temporal, sociocultural, política, econômica, mítico-religiosa, entre outros, correlacionam-se, determinam essa diferenciação e favorecem o emprego de formas variantes, que acabam por se cristalizar como diferenças linguísticas regulares.

Segundo Mateus (2003), em línguas com larga história de expansão mundial e de mobilidade dos seus falantes nativos, as variedades vão progressivamente se fixando e autonomizando, até ser possível caracterizá-las como variedades locais ou mesmo nacionais, tal como as variedades europeia e brasileira da língua portuguesa. Ainda conforme a autora, “a existência de variantes e variedades de um dado sistema linguístico constitui uma mais-valia para a própria língua [...]” (MATEUS, 2003, p. 34), o que se torna evidente, por exemplo, no léxico, “com a introdução de palavras novas relativas aos diversos universos de referência [...]”.

As diferenças entre as variedades do PB e do PE mais facilmente apreensíveis estão no nível lexical e podem ser agrupadas nos seguintes aspectos (MATEUS, 2003): i) palavras idênticas, mas com significado diferente; ii) palavras diferentes, mas com o mesmo significado; iii) palavras derivadas da mesma base e diferentes sufixos, mas com o mesmo significado; e iv) palavras com o mesmo sufixo e diferentes bases, mas com significado idêntico. No Quadro 1, apresentamos exemplos de cada um dos casos.

Quadro 1 - Diferenças lexicais entre PB e PE

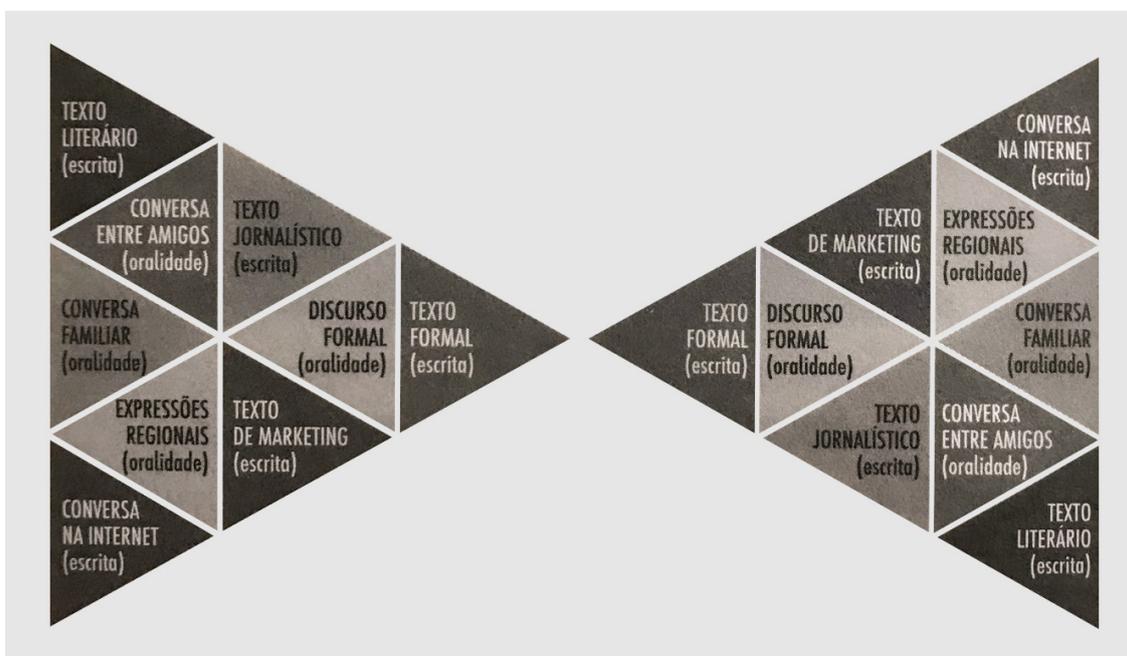
Aspecto	Português brasileiro	Português europeu
Palavras idênticas, significado diferente	sobrenome blusa	apelido camisola
Palavras diferentes, mesmo significado	esparadrapo concreto	adesivo betão
Mesma base, diferentes sufixos, mesmo significado	fumante prestativo	fumador prestável
Mesmo sufixo, diferentes bases, significado idêntico	encanador polpudo	canalizador carnudo

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Villalva (2000)

Para além desses exemplos, entre muitos outros que poderiam ser citados,¹ vale mencionar que as duas variantes diferenciam-se também nos mecanismos de indeterminação do sujeito, na sintaxe posicional dos clíticos, nas estruturas formadas com o verbo auxiliar “estar” e nos padrões posicionais dos constituintes nas frases interrogativas, como já identificado por Suelela (2017). Em termos de registro, é nas ocorrências informais e nas variedades regionais ou populares que as diferenças realizam-se de forma mais evidente.

A esse respeito, Neves (2021) oferece uma representação interessante dos estratos da língua oral e da língua escrita em PB e PE, sistematizada em duas pirâmides inclinadas 90° (Figura 1). Cada pirâmide representa uma variante do português, e é no registro mais formal que essas variantes aproximam-se, embora — é importante notar — já estejam separadas. Segundo o autor, “na escrita formal e na conversa entre gente urbana e com formação avançada, a comunicação [entre portugueses e brasileiros] faz-se quase sem escolhos [...]” (NEVES, 2021, p. 175). Já os registros mais distanciados entre o PB e o PE estariam nos textos menos formais, isto é, na realidade da língua mais afastada da própria norma.

Figura 1 - Pirâmides do PB e do PE em contato



Fonte: Neves (2021, p. 176)

É curioso observar que o autor posiciona os textos literários na base das respectivas pirâmides, estando, portanto, bastante afastados entre si. Tal disposição justifica-se, segundo o professor, porque a literatura parte da norma, mas tende a valer-se de todos os registros da língua: “é um campo onde o jogo de aproximação e afastamento se vê de forma bastante nítida, com tudo o que tem de estranheza e delícia [...]” (NEVES, 2021, p. 177).

Na visão de Neves (2021), com a qual concordamos, a tendência é que as duas pirâmides afastem-se cada vez mais. Ao mesmo tempo, como falantes da língua portuguesa, ganharemos muito em aproveitar as proximidades que existem. Nesse sentido, os glossários surgem como um instrumento relevante para observar nossos pontos de contato, para o que apresentamos, na próxima seção, a análise dos dois instrumentos linguísticos selecionados para este estudo.

¹ Vale consultar a edição 7 vozes: léxico coloquial do português luso-afro-brasileiro – aproximações (LOUCEIRO; FERREIRA; VERA CRUZ, 1997), que apresenta uma listagem pormenorizada das variantes coloquiais urbanas dos sete países onde a língua portuguesa é língua mãe ou veicular (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe).

3 Análise dos glossários

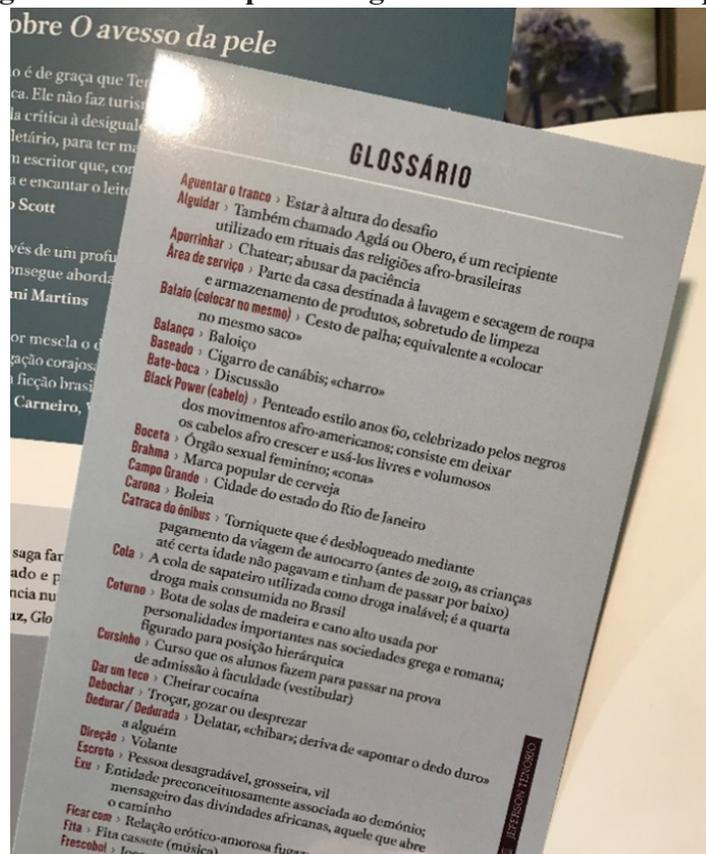
Os glossários inserem-se em publicações literárias desde o século XX, tanto em obras voltadas ao público juvenil quanto na literatura regionalista brasileira, chegando até a produção literária contemporânea (MEDEIROS, 2013). Podem ser produzidos por lexicógrafos, filólogos, gramáticos, pelos próprios escritores ou mesmo anonimamente pelas casas editoriais, a exemplo dos livros (publicados no Brasil) dos africanos Ondjaki, Mia Couto e José Eduardo Agualusa.

Para Medeiros (2013), o glossário possui um funcionamento semelhante ao do dicionário. Contudo, enquanto este pretende um efeito de completude e de consulta sobre a língua, aquele se encontra em um lugar de especificidade, representando uma seleção daquilo que não está inscrito na língua: “um glossário de literatura sinaliza a potência da língua e reivindica um lugar na língua para aquilo que dá a ver e a saber [...]” (p. 281).

Normalmente, os glossários são organizados de duas formas: em notas de rodapé, na própria página em que constam os termos a esclarecer, impondo, portanto, uma marca sobre o texto (numeração, asterisco ou outro sinal gráfico); ou então em lista própria ao final do livro, oferecendo ao leitor a possibilidade de busca pelo termo. O diferencial dessa segunda opção, conforme Medeiros (2016), seria uma suposta liberdade no movimento de consulta, além de manter o significante em sua potência de sentidos no texto, uma vez que tal significante não aparece marcado no trecho a que se reporta. A fim de observarmos a organização dos glossários nas obras que selecionamos para este estudo, passamos a descrever e a analisar mais detidamente cada um deles.

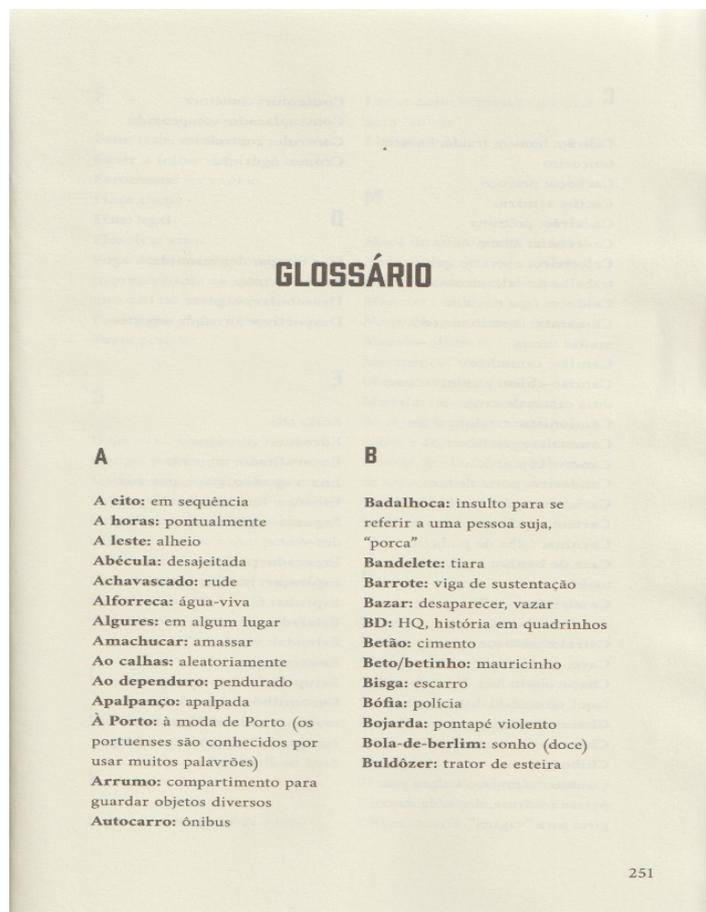
Na edição d’**O avesso da pele** publicada em Portugal pela Companhia das Letras, o glossário (Figura 2) é incorporado ao livro como encarte, entre a capa e a falsa folha de rosto, impresso em papel cartão revestido, colorido, e compõe-se de 67 verbetes. Já na edição brasileira de **Pão de Açúcar**, o glossário (Figura 3) aparece no último caderno do miolo do livro, diagramado no mesmo estilo tipográfico do texto ficcional, perfazendo um total de 149 verbetes – mais que o dobro de termos do glossário brasileiro, portanto. Em ambas as edições, os termos não aparecem marcados no texto, e a listagem segue a ordem alfabética.

Figura 2 - Primeira parte do glossário de O avesso da pele



Fonte: Fotografia da autora

Figura 3 - Primeira página do glossário de Pão de Açúcar



Fonte: Fotografia da autora

Podemos observar que os glossários em estudo compõem-se não só de palavras com correspondência direta entre uma variante e outra, mas também de locuções verbais ou adverbiais e de expressões populares. Quanto à classe gramatical dos verbetes, os dois glossários são formados majoritariamente por substantivos, muitos deles oriundos da linguagem oral, como “neguim”, “piranha”, “boceta”, “pau”, “muvuca”, “periquita”, “pegador” n’**O avesso da pele**, ou “bófia”, “bisga”, “cabrão”, “chibo”, “mariconço”, “pirete”, entre outros, no **Pão de Açúcar**.

Entre as expressões informais, destacamos “aguentar o tranco”, “passar alguém”, “dar um teco”, “no último volume”, “fazer a folha”, “levar com”, “dar tampa” e “fogo de vista”, as quais muitas vezes exigem uma descrição ou explicação mais detalhada do seu significado. A presença desses registros informais vai ao encontro do que Medeiros (2016) constatou ao analisar os glossários das publicações de Ondjaki, nos quais as marcas de oralidade também são acentuadas, o que denota a necessidade de uma explicação contextual que procure dar conta das particularidades lexicais do ambiente onde se desenvolve a narrativa.

No glossário d’**O avesso da pele** particularmente, destaca-se a presença de palavras relacionadas às religiões de matriz africana, como “Ogum”, “ocutá”, “orixás”, “alguidar” e “exu”. Já no **Pão de Açúcar**, observamos um número considerável de adjetivos, a exemplo de “abécua”, “achavascado”, “encavalitado”, “fixe”, “morcão”, entre outros. Curiosamente, ambos trazem palavras originárias da língua inglesa — “*office boy*”, “*black power*”, “*T-shirt*” — e, diferentemente do que seria de se esperar, somente um topônimo: “Campo Grande”, n’**O avesso da pele**.

Vale ainda destacar que, na página de créditos d’**O avesso da pele**, após o nome dos responsáveis pela preparação e pela revisão, consta o nome da profissional que elaborou o glossário. Já na edição de **Pão de Açúcar**, não há essa indicação, constando somente os demais profissionais que trabalharam na obra, nas funções de revisão, ilustração da capa, *design* da capa, projeto gráfico, diagramação e ilustração, além dos nomes da diretora editorial e da editora (pessoa física).

O que podemos depreender desses instrumentos linguísticos é a sua ênfase nos registros menos formais e em termos específicos de uma variante ou outra do português. Os glossários, nesse sentido, respondem a uma demanda que se origina dos próprios textos, uma vez que ambos os romances são ambientados em realidades urbanas particulares do Brasil (Porto Alegre e Rio de Janeiro) e Portugal (Porto). Tal hipótese confirma a proposição de Neves (2021) ao situar o texto literário na base da pirâmide linguística, entre os registros populares e mais distanciados entre si nas duas variedades do português. De fato, os glossários visam justamente aproximar as duas vertentes da língua, oferecendo uma contextualização vocabular aos leitores de aquém e além-mar.

Na sequência do estudo, reproduzimos e discutimos os principais pontos das entrevistas realizadas para esta pesquisa, de modo a evidenciar os aspectos editoriais relacionados à elaboração do glossário das publicações literárias em questão.

4 Entrevista com as profissionais

Realizamos uma entrevista, via *e-mail*, com a editora Inês, da Companhia das Letras Portugal, e com a editora Ana, da HarperCollins Brasil. Entrevistamos também Rosa, a profissional que elaborou o glossário do livro **O avesso da pele**. Ela é brasileira, reside em Portugal há vinte anos, possui formação em Ciências da Comunicação e trabalha como leitora alfa/beta, fazendo resenhas de obras de autores brasileiros, com vistas à sua publicação no mercado editorial português. Esses dados biográficos permitem vislumbrar um perfil possível do profissional contratado para esse tipo

de trabalho: alguém que esteja familiarizado com (ou que possua fluência em) ambas as variantes da língua e que esteja vinculado, de alguma forma, ao universo literário das publicações brasileiras e portuguesas.

Primeiramente, indagamos as editoras sobre os critérios para incluir ou não um glossário nas edições oriundas do Brasil e publicadas em Portugal e vice-versa. A editora da Companhia das Letras Portugal informou-nos que são poucos os livros em que há tal inclusão, citando dois casos até o momento: **O sol na cabeça**, de Geovani Martins, e **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. Segundo a editora, o glossário foi incluído nessas publicações “por haver uma presença mais forte de calão ou linguagem coloquial que seria mais dificilmente entendida por um leitor português [...]”.² Sobre o formato do glossário – “na forma de um marcador”, nas palavras de Inês –, ela nos informou que o objetivo foi evitar as notas de rodapé excessivas e poupar o leitor de ter que se deslocar até o final do livro para procurar a palavra pretendida.

Sobre o mesmo questionamento, a editora da HarperCollins Brasil informou-nos que **Pão de Açúcar** foi a primeira obra portuguesa publicada pela editora com esse suporte de leitura – ao menos nos últimos três anos, desde que trabalha para a HarperCollins. Segundo Ana, a decisão de incluir ou não o glossário depende muito da obra, da linguagem usada pelo autor e da importância, para a obra, de se manter o vocabulário original, como foi o caso de **Pão de Açúcar**. Ela salientou que o autor fazia questão de que, na versão brasileira, fosse mantido o vocabulário original. “Ao mesmo tempo, porém, entendemos que, sem um glossário, o leitor perderia informações relevantes da história.”³

O questionamento seguinte referia-se à definição das palavras que constam no glossário, se são selecionadas pelo editor ou pelo próprio profissional que o elabora. Reproduzimos a resposta de Inês:

Nestes dois casos [**O sol na cabeça** e **O avesso da pele**], entregamos a elaboração do glossário a um profissional externo: uma leitora portuguesa que viveu no Brasil e tem portanto uma percepção aprofundada das duas variantes do Português e consegue avaliar com mais facilidade quais os vocábulos passíveis de apresentar dificuldade a um leitor português. Nos dois casos, o glossário foi revisto pelo editor e aprovado e comentado pelo autor.

É interessante notar que a preocupação com o entendimento do vocabulário pelo leitor também foi o que levou a casa editorial brasileira à inserção do glossário no livro em PE, conforme nos explicou Ana:

As palavras que entraram no glossário foram propostas tanto por mim quanto pelas revisoras que trabalharam no livro. Foi um processo, digamos, orgânico: nós, leitoras brasileiras, sem conhecimento de português lusitano, sabemos o significado? Em caso negativo, ia para o glossário. Aqui vale dizer que o apontamento de palavras que não entendíamos foi anterior à decisão de incluir um glossário. Primeiro marcamos as palavras, depois avaliamos como a leitura era prejudicada pela dificuldade em compreendê-las, em seguida avaliamos como resolvê-las: alterando? Nota de rodapé? O glossário foi a solução mais atraente para todos, por entrar de forma discreta no livro, sem interromper a leitura daquele leitor que não sentir necessidade de consultá-lo, e por respeitar o desejo do autor.

A resposta de Ana é bastante interessante ao elucidar o processo que resultou no glossário de **Pão de Açúcar**. Evidencia a participação do revisor de textos como leitor crítico da obra, que atua não só na esfera linguístico-gramatical, mas também na dimensão semântica do texto, prevendo possíveis dificuldades de compreensão pelo leitor. O comentário da editora também explica, de certa forma, o número maior de verbetes do glossário brasileiro, já que o levantamento de termos foi feito por três pessoas diferentes (a editora e duas revisoras), e nenhuma possuía familiaridade com a variante lusitana do português. Além disso, justifica o fato de o elaborador do glossário não constar

² Dados da entrevista realizada, por e-mail, em 08/09/2021. As citações subsequentes desta entrevistada referem-se ao mesmo questionário.

³ Dados da entrevista realizada, por e-mail, em 20/10/2021. As citações subsequentes desta entrevistada referem-se ao mesmo questionário.

entre os créditos do livro, uma vez que a atividade esteve dissolvida, por assim dizer, nas tarefas desempenhadas pelas revisoras e pela própria editora. Ana demonstra ainda a mesma preocupação de Inês em não tornar o glossário um instrumento que descontinuasse a leitura, por meio de notas de rodapé, mas que fosse discreto e funcional ao mesmo tempo, como um apêndice ao texto.

A próxima pergunta interrogava as editoras sobre como veem esse suporte de leitura para uma mesma língua, ao que Ana respondeu considerá-lo como um material de apoio à leitura, uma contextualização. De sua parte, Inês também citou o termo “apoio de leitura”, vendo-o como um instrumento extra que permite ao leitor português ter uma melhor compreensão do texto.

Inês sublinhou também que não foi feito mais nenhum tipo de adaptação no texto d’**O avesso da pele**, com exceção das palavras em que o Acordo Ortográfico prevê duas grafias. Verificamos que palavras como “fato”, “embaixo”, “dezesete” e “dezenove” no PB foram substituídas pela variante portuguesa “facto”, “em baixo”, “dezassete” e “dezanove”. De maneira semelhante, nos casos em que se admite dupla acentuação gráfica, tais como “incômodo”, “ônibus”, “metrô” e “encontramos”, houve a substituição por “incómodo”, “ônibus”, “metro” e “encontrámos”, respectivamente. De destacar ainda a mudança de gênero no artigo que antecede o substantivo “sanduíche”, o qual, no PE, é feminino – “uma sanduíche” (TENÓRIO, 2021, p. 111).

Por sua vez, na entrevista com Rosa, ela nos explicou que o seu método para a elaboração de glossários consiste em ler todo o livro e propor à editora a seleção das palavras, o que exige uma leitura bastante criteriosa e pausada do texto. Mais especificamente sobre os instrumentos a que recorre durante o trabalho, como dicionários, *sites* especializados ou outros materiais, é interessante observar o seu relato:

[...] comparo as entradas de dicionários do Brasil e Portugal, pesquiso expressões populares não dicionarizadas em diferentes fontes da internet, alargando a pesquisa em caso de dúvida ou de temáticas mais específicas. No **Avesso da Pele**, tive uma questão que pedi à revisora portuguesa que clarificasse junto do autor.⁴

Para o glossário de **Pão de Açúcar**, Ana também cita os dicionários como material de apoio, observando-se aqui uma participação mais ativa do autor:

A elaboração do glossário foi um trabalho conjunto entre mim e o autor – ele fluente apenas em português europeu, eu fluente apenas em português brasileiro. A maioria das palavras levaram definições que encontrei em dicionários, que passaram em seguida pela aprovação do autor. Outras, ele precisou me dizer o significado, para que eu encontrasse o melhor correspondente por aqui. Foi uma troca, não diria longa, mas não de todo pontual. Às vezes, ele não estava seguro sobre a definição que eu havia criado, não entendia mesmo, e íamos confirmando os contextos em que tal palavra é usada, as diferentes acepções que pode receber, as diferentes conotações [...]

Ainda sobre o processo de elaboração desse glossário, a editora brasileira citou algumas exceções, como os casos em que existia uma palavra, em PB, com sentido que se encaixava no contexto, embora com sentido completamente diferente da palavra portuguesa. “Nesse caso, com o aval do autor, alteramos no próprio texto.”

Também perguntamos a Rosa qual a sua opinião sobre esse trabalho ser referenciado na página de créditos do livro, junto ao nome dos profissionais responsáveis pela preparação, revisão, ilustração, capa, entre outros. Ela nos relatou que, n’**O avesso da pele**, não solicitou à editora, “mas foi para mim uma surpresa feliz constar da página de créditos, tendo sido um reconhecimento gentil [...]”. Quanto ao tempo de trabalho, Rosa comentou que demorou, aproximadamente, duas horas para elaborar o glossário em si, sem considerar nesse tempo, é claro, a leitura de toda a obra.

⁴ Dados da entrevista realizada, por e-mail, em 10/09/2021. As citações subsequentes desta entrevistada referem-se ao mesmo questionário.

A questão feita às editoras sobre como veem esse suporte de leitura inserido no livro também foi remetida a Rosa. Ela nos respondeu considerá-lo uma contextualização, sublinhando este aspecto: “muita gente não tem noção de como, utilizando a mesma língua, a nossa fala nasce de lugares tão distintos e que carecem de todas as ferramentas possíveis de contexto para enriquecer a compreensão de ambos os lados [...]”. Destacamos dessa fala os termos “contexto”, “ferramenta” e “enriquecer”, que nos parecem efetivamente resumir a proposta dos glossários, de modo que nenhum dos sentidos do texto – ou, pelo menos, a menor quantidade possível – perca-se durante a travessia de um país ao outro.

5 Considerações finais

A língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil, mesmo tendo uma base comum, percorreu um caminho próprio em cada país, que resultou na riqueza vocabular com a qual contamos atualmente. O intercâmbio de nossas literaturas oportuniza conhecermos um pouco dessa variedade e experimentarmos a “estranheza” e a “delícia” das diferenças existentes entre o PB e o PE – experiência essa que sempre pode se revelar enriquecedora.

Os glossários que analisamos têm como objetivo contextualizar a leitura nos casos em que há forte presença de oralidade e de variantes regionais, além de explicar termos específicos que, fora da comunidade linguística que os emprega, seriam mais dificilmente compreendidos pelo leitor comum. É certo que nem todos os livros escritos em alguma das variantes do português recebem esse objeto linguístico, mas também é verdadeiro que, sendo necessário editá-lo, o profissional que o elabora deve demonstrar sensibilidade no trabalho com a língua e colocar-se sempre numa posição de alteridade.

Durante a concepção e preparação de um glossário, é importante reconhecer também o dinamismo da língua e considerar todas as variantes do sistema linguístico. Trata-se de uma atividade que exige um olhar cuidadoso e atento sobre o texto, sob um viés discursivo e dialógico, num trabalho conjunto com os demais atores do processo editorial, como o editor e o autor. O objetivo último será tornar o texto o mais compreensível possível ao leitor, ao mesmo tempo que satisfaça as intenções do autor. Essa dupla incumbência requer a previsão de possíveis obstáculos à leitura e a proposição das melhores opções semânticas, tendo em vista o público-alvo e o contexto em que o livro circulará.

Conscientes de não haver esgotado a temática, esperamos ter contribuído para um maior conhecimento sobre as variantes do português em termos de léxico e, principalmente, sobre mais essa faceta da relação autor-texto-editor-leitor. Como possíveis desdobramentos deste estudo, parece-nos interessante investigar em que medida as palavras que constam no glossário indicariam um processo de gramaticalização na língua. Também pode ser pertinente entrevistar os próprios autores das obras que contêm glossários, inquirindo-os sobre o seu grau de participação na sugestão, elaboração e aprovação de tais instrumentos linguísticos.

Referências

- AUROUX, Sylvain. Listas de palavras, dicionários e enciclopédias: o que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 20, p. 9-23, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARROS, Vítor. **Dicionário de português europeu para brasileiros e vice-versa**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- CABRAL, Afonso Reis. **Pão de Açúcar**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. Literatura de vanguarda no Brasil. *In*: LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos**. Organização Teresa Montero, Lícia Manzo. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LOUCEIRO, Clenir; FERREIRA, Emília; VERA CRUZ, Elizabeth Ceita. **7 vozes: léxico coloquial do português luso-afro-brasileiro – aproximações**. Lisboa: Lidel, 1997.
- MATEUS, Maria Helena Mira. O tempo e o espaço da língua portuguesa. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 23-29.
- MEDEIROS, Vanise. Uma reflexão sobre glossários em livros de literatura: em torno de Mário Palmério. *In*: TEIXEIRA, Madalena *et al.* (org.). **Encontros da língua portuguesa: ensinar e aprender português num mundo plural**. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém: Universidade Federal de Uberlândia, 2013. p. 257-296.
- MEDEIROS, Vanise. Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 79-93, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1604-4>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/hV75WDzDbR8QFbh69BdCq4b/?lang=pt#>. Acesso em: 4 set. 2021.
- NEVES, Marco. **História do português desde o Big Bang**. Lisboa: Guerra e Paz, 2021.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.
- SUELELA, David Jorge Lopes. **A estrutura da frase no Português Europeu e Brasileiro: estudo sintático de caráter sincrónico e diacrónico**. 2017. 135 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/9392>. Acesso em: 19 set. 2021.
- TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. Lisboa: Companhia das Letras, 2021.
- VILLALVA, Alina. **Benefícios da diversidade: exemplos com palavras**. Comunicação apresentada ao Congresso Internacional “500 Anos da Língua Portuguesa”, Universidade de Évora, Évora, 2000.